



## **LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: os desafios e as dificuldades de uma professora em formação docente inicial<sup>1</sup>**

**Chilene da Silva Nascimento <sup>2</sup>**

### **Considerações iniciais**

O professor é um ser essencial na contribuição da formação dos alunos. No caso do ensino-aprendizagem de língua portuguesa, essa contribuição pode ser pensada a partir do processo de letramento. Para tanto, o docente necessita conhecer as dificuldades e habilidades de seus alunos, procurando sempre investigar quais conhecimentos já possuem para que se possa aprimorar e melhorar a sua prática docente.

Ensinar a produção escrita a alunos que estão saindo do Ensino Fundamental I e adentrando no Ensino Fundamental II requer, assim, muito empenho desse profissional, buscando sempre conhecimento e novos caminhos. Essa é, sem dúvida, uma característica da docência que pode ser esperada para qualquer nível de ensino. No entanto, o desafio de acompanhar essa passagem do Fundamental I para o Fundamental II merece um olhar curioso, sobretudo, se imaginarmos nessa fase a inserção em sala de aula de um professor em formação docente inicial. Considerando essa situação, esse precisaria, além da assistência e orientação pedagógica do espaço escolar onde atua, de conhecimento do ensino de práticas docentes que possam atender a esse público, como o ensino de leitura e de escrita. Estamos nesse momento, principalmente para esse trabalho, pensando no contexto de professores em formação inicial que se encontram em estágios extracurriculares.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares, como requisito parcial para a obtenção de Licenciatura em Letras Português Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação da Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Sandra Melo. Maio/2022.1

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: [chilenesilva@hotmail.com](mailto:chilenesilva@hotmail.com)

Abordamos o conceito do letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental II, pois os alunos estão deixando o ensino fundamental I e ingressando uma nova etapa em sua vida, passando a ter mais professores e conseqüentemente mais disciplinas. Em especial, nessa época de pandemia do Covid-19, vale a pena discutir a inserção de licenciandos de letras em um ambiente que, por conta de obstáculos trazidos da fase anterior de ensino, podem suscitar no professor-estagiário mais desafios por conta das dificuldades na escrita trazida pelos estudantes acentuadas por um ensino remoto e/ou híbrido.

Muitas vezes por falta de experiência e conhecimento no assunto, o docente não desenvolve bem suas aulas, não faz bem o acompanhamento dos alunos em relação ao que ensina, pelo fato de não ter um aprofundamento teórico sobre o seu papel com relação à produção escrita e/ou por não saber trabalhar numa perspectiva do letramento. Pensando nesse período de pandemia, essa situação agravou-se. Muitos alunos desistiram das aulas remotas por não possuírem um celular, computador ou notebook e outros por não conseguirem acompanhar as aulas ou por não se adaptarem à novidade: o letramento digital.

Os professores em formação continuada ou em formação inicial, sem dúvida, se depararam com grande dificuldade; referimo-nos, nesse momento, em especial, a aqueles que, sendo estagiários, assumiram como “regentes” uma turma em escolas. Nesse contexto e à luz dos trabalhos de Soares (2009), Marcuschi (2007), Rojo (2006) e Larrosa (2002), discutimos os problemas no ensino da produção escrita a partir do *desconhecimento* do conceito de letramento de uma professora estagiária na formação inicial.

### **Objetivo geral**

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre as práticas docentes no ensino da escrita a partir da discussão do letramento na perspectiva de um sujeito na formação docente inicial.

### **Objetivos Específicos**

Discutir o conceito de letramento e sua importância pela atuação docente de sujeitos na formação inicial.

Refletir sobre o papel do docente em formação inicial e sobre suas limitações.

## 2. Pressupostos Teóricos

### 2.1 Letramento

Segundo Soares (2009), letramento e alfabetização sempre estarão relacionados. O processo de alfabetização nos leva a acreditar que os alunos aprenderam as famílias silábicas, juntando as palavras e formando frases, sabendo ler e compreender os códigos. No entanto, isso não daria conta do fenômeno chamado letramento, uma vez que o valioso não é somente saber “ler e escrever”, mas interpretar, criticar e argumentar.

Existe uma confusão entre o letramento e a alfabetização, mesmo ambos tendo uma relação intrínseca. Cada um tem o seu papel, conforme Soares (2009). O letramento apareceu na década dos anos 80, no Brasil e no mundo, ganhando a cada ano visibilidade, devido à importância dessa discussão no cenário local e internacional.

A palavra *letramento* tem origem inglesa *literacy* (SOARES, 2009). Significa letra e remete a um significado mais amplo, seja em relação à condição em que uma pessoa aprende a ler ou a escrever seja a partir de uma noção mais sociológica, quando mesmo sem ter sido alfabetizada, está inserida numa sociedade letrada.

Para esse trabalho, a concepção que nos interessa diz respeito à aprendizagem da escrita adquirida na escolarização. Partimos da ideia de que “O letramento é o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: é a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita” (SOARES, 2001, p. 18). Magda Soares (2009), em “Um tema em três gêneros”, apresenta e discute os estudos a respeito da relação linguagem, escola e sociedade por considerá-los importantes.

Marcuschi (2007, p.8), em seu livro “Da Fala para a Escrita”, afirma que todos *nós falamos e ouvimos muito mais do que escrevemos ou lemos*. Para ele, a língua é um mecanismo que nos ajuda a auxiliar a nossa trajetória, possibilitando interação e, dessa forma, a comunicação. Assim não podemos desprezar a nossa língua, conseqüentemente, não podemos menosprezar, na sala de aula, a fala ou a língua do aluno quando ensinamos português. Quando crianças, jovens e adultos frequentam a escola, eles têm uma noção de língua das suas vivências. Muitos alunos, vindos de classe popular, por exemplo, não têm uma tradição de leitura e, principalmente, de escrita. O fato é que a escola persiste em ensinar a leitura e escrita, se não buscando rejeitar a vivência e o uso da língua do aluno,

pior, menosprezando a interferência dessa língua na escrita do aluno nos anos iniciais de ensino.

Segundo Marcuschi (2007), desenvolvemos a linguagem oral, aprendida através dos falantes que nos rodeiam. Podemos encontrar variações tanto na fala quanto na escrita. A fala não dá chance para correção gramatical e não se pode confundir isso com variação “incorreta”. Do mesmo modo, podemos imaginar que no início do aprendizado da escrita há também a presença de variações até que se alcance a padronização ou um conhecimento da língua padrão e/ou do aluno em relação a contextos de uso formal da língua. “O letramento tem muito mais a ver com as práticas da escritas que com o processo de aquisição, [...]”. (MARCUSCHI, 2005, p.10).

Assim, podemos pensar que, para a maioria dos alunos o chamado Ensino Fundamental I não é suficiente para que a trajetória do alunado possa ser vista como completa para o conhecimento sedimentado da escrita. Desse modo, compreendemos que há por parte dos alunos nos anos iniciais do Fundamental II alguns tipos de problemas mais presentes.

Na experiência da autora como uma estagiária aproveitada pelo mercado de trabalho como regente em uma sala de aula do ano 2020, no auge da pandemia do SARS-Covid-19, a situação nos faz pensar em como o entendimento do letramento escolar é importante para o docente em formação inicial. Na visão de libertadora de Paulo Freire (2015), esse autor faz uma reflexão que nos ajude a refletir sobre o nosso papel no fazer docente e naquilo que desejamos ser.

Em 1960, Paulo Freire apresentou uma nova perspectiva, quebrando com paradigmas que retiravam dos alunos um olhar crítico sobre o mundo. Sua visão ficou conhecida como educação libertadora:

[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e **de**-forma ao formar e quem já é formado forma-se e se forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criado da forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e se acomodado. Não há docência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2015, p.25).

## **1.2 A Perspectiva de Magda Soares segundo o letramento**

Com base na leitura de Soares (2009), percebe-se que a autora sempre resistiu à ideia de que alfabetização e letramento são o mesmo fenômeno. Nos

anos 40, ela relata que existia uma explicação para isso. Conforme a autora, havia um formulário do Censo em que se interpretava um leitor apenas pela pergunta de se ele sabia escrever seu nome. Posteriormente, por pressões advindas das demandas de sociedade, essa pergunta foi considerada insuficiente, passando-se a questionar sobre a produção escrita de um bilhete. Nessa mudança, percebe-se um salto qualitativo que apresenta um grau de exigência maior de conhecimento desse leitor, agora autor de um bilhete, alguém que escrevia sobre algo para além de seu nome próprio. Por isso, que a autora define o letramento como uma noção em transformação, um termo novo que está sempre apresentando mudanças significativas.

Sabemos que esse fato aconteceu há muito tempo, mas, para quem trabalha e vivencia a sala de aula, seja em formação continuada seja em formação inicial, percebe-se que muitos alunos chegam até as séries do fundamental II sem saber ler, escrever, compreender e interpretar um texto, mesmo que este seja pequeno.

### **3. Metodologia**

O presente trabalho tem por finalidade explorar o tema letramento explicando como surgiu esse estudo e as dificuldades no ensino da escrita, quando o docente de língua portuguesa na formação inicial além de desconhecer o tema é “aproveitado” como sendo o professor regente. Utilizando como aporte bibliográfico os autores Marcuschi (2007), Rojo (2006), Larrosa (2002) e, principalmente, Soares (2009), discute-se a relação entre letramento, ensino e docência em formação inicial na sala de aula de língua portuguesa. Relata e discute a vivência de um docente em fase inicial de estágio, que é colocado como um professor regente mesmo sem possuir conhecimento suficiente nas práticas pedagógicas de letramento. *Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita,* (SOARES, 1988, p. 47). A partir dessa perspectiva de Soares, esse trabalho de pesquisa bibliográfica, atravessado pelo relato de um sujeito na formação inicial, buscou empreender uma reflexão do antes e depois da sua descoberta do processo do letramento como fundamental para o ensino, aprendizagem de produção escrita em sala de aula.

#### **4. Uma breve reflexão: o ensino da escrita e o processo de letramento**

Em Rojo (2006), há uma visão socioconstrutivista sobre o letramento tanto na modalidade oral quanto na escrita. Conforme a pesquisadora, ambas devem ser representadas no uso do processo de conhecimento construído pela criança. A aquisição da escrita, da oralidade, da linguagem é inquestionável, social e culturalmente. Na sala de aula, isso nunca devia ser esquecido.

Gomes-Santos e Almeida (2011) nos levam a refletir que, ao ingressar em sala de aula, o professor exerce um papel muito importante na vida escolar dos alunos; e, por isso, o docente deve realizar uma atividade objetivando transformar os instrumentos, suas práticas de modo que haja adaptação conforma a necessidade de cada um. Mas como fazer isso se a vivência em sala de aula, por si só, não é capaz de dar ao professor de formação inicial a experiência que o transforma nesse educador que aprende e ensina com o aluno?

Larrosa (2002, p. 20) nos diz que a educação é como um ponto de vista que envolve a relação entre a ciência e a técnica ou, em certas ocasiões, uma concordância entre a teoria e prática. Para ele, a ciência e a técnica destinam-se a uma perspectiva positiva sobre a teoria e prática. Realmente, a teoria devia estar sempre atrelada à prática, mas nem sempre é assim.

Quando o docente em formação inicial exerce o papel de professor regente, sem experiência, o aluno do ensino básico pode sair prejudicado, porque, havendo a falta de teoria e prática ou de sua íntima relação, esse professor não consegue fazer as adaptações dos modos e da didática voltadas para o alunado. Nesse trabalho, mesmo sendo uma tarefa difícil para se reviver, é preciso refletir sobre um docente em formação inicial que apresentou dificuldade na compreensão de como explorar a escrita a partir do processo de letramento.

Qualquer docente deve estar sempre se atualizando nas práticas pedagógicas, refletindo sobre como pode explorar melhor a didatização de conteúdos a serem ministrados. Mas o que pensar quando esse professor, em sala de aula na verdade é um estagiário, um docente em formação inicial, começando sua prática docente no meio de uma pandemia? E ainda mais “solto” ou descolado de qualquer orientação pedagógica que o acompanhe nesse momento?

No quadro atual da educação, nos deparamos com tal situação, uma vez que muitos estagiários são inseridos em sala de aula como se fossem “professores regentes”. Considerando que muitos estudantes das licenciaturas buscam estágios não obrigatórios ou extracurriculares para sua manutenção

peçoal e de formação universitária, muitas escolas particulares do ensino básico têm utilizado a força de trabalho desses docentes em formação inicial para que exerçam sozinhos à docência. Nesse contexto, se insere a autora desse trabalho.

## **5. Um relato sucinto: da vivência à experiência, descobrindo-se docente**

Nos primeiros meses como regente, a autora desse trabalho cometeu vários equívocos: a preocupação era verificar se os alunos escreviam corretamente, sobretudo em termos da escrita ortográfica. Realizou com esse fim vários ditados, que consistiam em ler para os alunos algumas palavras e exigir deles uma escrita “correta” com o único objetivo: constatar se os alunos estavam “escrevendo direitinho”. Também, como professora, a autora realizou pouquíssimas atividades nos dois semestres letivos em que atuou em sala, trabalhando com alunos principalmente saídos do Fundamental I.

Enfim, pensava-se equivocadamente que os alunos já sabiam ler e escrever e, quando se notou a dificuldade, a professora recorreu a uma prática tradicional de apenas “verificar” se alguma atividade proposta estava “certa ou errada”. Limitou-se assim o diálogo, a interação e a construção do texto em parceria, entre sujeitos que ensinam e aprendem juntos (FREIRE, 2015).

Trabalhando com alunos que tinham acabado de sair do Ensino Fundamental II, percebeu-se a dificuldade na leitura e principalmente na escrita. No início, foi difícil entender, mas aos poucos e, principalmente, depois de compreender mais o conceito de letramento, foram percebidos problemas na (i) atuação da professora “regente”, oficialmente contratada como estagiária, (ii) na escrita dos alunos.

Embora não seja o esperado, é comum encontrarmos alunos nessa fase com problemas na formação das palavras ou, pior, apesar de saberem juntar sílabas e soletrarem, não conseguem entender o que liam e o que escreviam. É comum também dificuldade em diferenciar o uso das letras maiúscula e minúscula, de acentuação gráfica, de escrever palavras que apresentam dígrafos (xç, ss, rr, lh) de realizar a separação de sílabas na escrita de seus textos etc. Percebe-se, e isso não foi diferente com a experiência da autora, que é comum a existência de muitos problemas decorrentes de pouca reflexão sobre a escrita ortográfica e/ou sobre assuntos relacionados à convenção do texto escrito.

Possivelmente isso tem ocorrido com muita frequência e com grande intensidade nessa fase de transição, porque não se alfabetiza letrando (SOARES,

2009). Infelizmente, também a professora em formação inicial, ao perceber esses problemas e sem ter uma orientação teórico-prática adequada (LARROSA, 2002), propunha atividades de ditado da forma tradicional. Isso, com o passar do tempo, foi constatado como irrelevante. Enfim, na discussão desse trabalho, percebe-se que a noção de letramento, seu conceito e seu desenvolvimento em sala de aula, daria uma maior orientação para professores em formação inicial em situações nas quais são colocados como professores regentes.

Num contexto diferente de estágio extracurricular como esse, teria sido possível tanto refletir sobre a escrita ortográfica, na interação, com propostas que levassem o aluno a uma conscientização da ortografia para melhor desenvolvimento da escrita. Ainda mais preocupante, é constatar que professores nessa situação ao se depararem com os problemas de escrita supracitados, “perdem-se” e focam seu trabalho exclusivamente na ortografia, como se esses problemas fossem mais relevantes e únicos no trabalho com a produção textual escrita.

No letramento, conforme Soares (2009), é necessário fazer com que quem escreva consiga ler e argumentar sobre o que escreve. Assim, professores em estágios extracurriculares ou em formação inicial devem ser levados a refletir que a produção escrita não se encerra no ensino da escrita ortográfica.

Na experiência dessa professora em formação inicial, percebe-se, após essa reflexão do conceito de letramento e desse aplicado no ensino de língua portuguesa, que outros problemas, como a paragrafação, a pontuação, a coesão/uso de conectivos, encontrados de forma acentuada na produção de alunos no primeiro ano do Ensino Fundamental II, podem/podiam ser/ter sido trabalhados numa perspectiva textual ou da produção de escrita, favorecendo discussões que fossem além da forma ou do conteúdo estritamente gramatical, buscando refletir sobre a funcionalidade da língua para o discurso de quem escreve.

Ratificamos que após entender melhor o conceito de letramento, percebemos as falhas cometidas na nossa vivência docente em sala de aula, buscando a partir de então relacionar teoria e prática, em busca de um aprofundamento teórico e estudo para a transposição didática dos conteúdos envolvendo a escrita.

## 6. Considerações finais

Compreendemos que o professor tem um papel fundamental ao perceber quais são as dificuldades dos alunos e ajudá-los na superação daquilo que aprisiona o saber do aluno. Com as práticas de letramento, a exemplo da possibilidade de “ir e vir” dos textos escritos, com bilhetes ou esclarecimentos do professor em relação ao que se diz, há a construção de um diálogo sobre língua(gem), texto, discurso e escrita.

Devemos, como professores, ainda motivar o gosto pela leitura. Para que se consiga colocar em uso a funcionalidade do letramento, o professor, a família e a escola devem andar de mãos dadas em prol do aprendizado do estudante.

Quanto aos docentes em processo de formação inicial, precisam, mesmo que em situações de abandono por uma coordenação ou direção que não orienta o estagiário, que lhe nega suporte, encontrar forças e motivação para não sucumbir a um trabalho sem desafio, sem uma educação libertadora, desinteressado do aprendizado desse outro tão importante que é o aluno. A experiência em sala de aula pode ser transformadora, mesmo que se constate que a vivência em sala apresentou muitos problemas e equívocos.

## 7. Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GOMES-SANTOS, Sandoval N. **Recontando histórias na escola**: gêneros discursivos e produção da escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOMES-SANTOS, Sandoval N.; ALMEIDA, Patrícia S. Pergunta –resposta: como o par dialógico constrói uma aula na alfabetização, **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 133-149, 2009.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, p. 20-28, 2002.

LOPES, Iveuta de Abreu. **Cenas de letramentos sociais**. Recife: Programa de Pós graduação em Letras da UFPE, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita**: características e usos. Mimeo: UFPE/Recife, 2002.

ROJO, Roxane. O letramento na ontogênese: uma perspectiva socioconstrutivista. *In* \_\_\_\_ (Org.). **Alfabetização e letramento**: perspectivas linguísticas. Campinas SP: Mercado de Letras, 1988.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.